

Patrícia Lourenço

Universidade de Lisboa

Christopher BOLLAS, *The Christopher Bollas Reader* (introduction by Arne Jemstedt and foreword by Adam Philips), Hove and New York, Routledge, 2011. 283 pp. ISBN: 978-0-415-66461-5

Fruto da necessidade de agrupar textos emblemáticos do pensamento do autor, *The Christopher Bollas Reader* oferece ao leitor uma selecção criteriosa composta por catorze artigos previamente publicados e dois inéditos que definem Christopher Bollas — psicanalista americano, autor de onze livros de psicanálise, três romances, cinco peças e inúmeros ensaios — como um grande pensador contemporâneo, quer ao nível do pensamento clínico, quer ao nível da crítica cultural.

A tarefa de selecção esteve a cargo de Arne Jemstedt, que decidiu não incluir alguns dos textos de maior especificidade técnica, optando por oferecer uma visão panorâmica sobre o pensamento de Bollas. Ainda assim, é possível conhecer alguns dos conceitos inovadores propostos pelo autor, como o de *idiom*, *transformational object*, *evocativ object*, *psychic genera*, *destiny drive*, *normotic illness*, *anti-life*, entre outros. Mas será que o interesse deste *Reader* se estende além da clínica psicanalítica? A formação académica do autor (PhD em English Literature) ecoa em todos os textos: Aquiles, Péricles, Édipo, Othello, Milton, Dante, Goethe e muitas outras figuras acompanham o leitor lado a lado com os próprios casos clínicos que o autor apresenta. Além disso, cerca um terço dos textos seleccionados — ‘The Fascist State of Mind’ (1992), ‘The Functions of History’ (1995), ‘The Structure of Evil’ (1995), ‘Creativity and Psychoanalysis’ (1999), ‘Architecture and the Unconscious’ (2009) e ‘What is Theory’ (2007) — constituem uma análise com profundas implicações culturais. De entre estes, o primeiro e o terceiro, pela sua relação com a teoria política, serão alvo de especial destaque.

Em ‘The Fascist State of Mind’, publicado originalmente em *Being a Character: Psychoanalysis and Self Experience*, Bollas explora as forças que se encontram detrás dos diversos movimentos totalitários. A tese do autor é clara: o estado fascista da mente existe dentro de cada um de nós, patente na ansiedade subjacente à necessidade de certeza, e que constitui a dinâmica da construção fascista. A resposta a esta ansiedade é satisfeita pela adesão a ideologias e pela inscrição em teorias totalizadoras, o que sufoca o repertório interno dos estados mentais do indivíduo. Para o autor, a saúde mental corresponderá, pelo contrário, a um “parlamento interno”, repleto de opiniões conflituosas, dissidentes e coercivas. Este ensaio permite questionar qual o preço da lealdade política: que partes do self têm de ser negadas ou até expulsas, em nome da Bondade, Verdade ou Lógica.

Em ‘The Structure of Evil’, publicado originalmente em *Cracking Up: The Work of Unconscious Experience*, o autor defende que existe uma estrutura psicológica para o mal. Na sua reflexão, Bollas recorre a biografias de serial killers, a casos da sua prática clínica que ilustram relações de tipo sado-masoquista, à análise de modelos políticos tirânicos (como o de Saddam Hussein) e, ainda, ao assassinato de Desdemona por Othello. Em todas estas situações, Bollas encontra um ponto em comum: uma reorganização complexa do trauma, em que o perpetrador rememora a perda de amor e a génese do ódio, colocando sucessivos indivíduos ao serviço de uma re-encenação da sua própria morte psíquica.

Christopher Bollas tem escrito algumas das mais inovadoras ideias da teoria psicanalítica contemporânea. A escolha dos textos parece obedecer à preocupação de tornar o livro apelativo a um público mais alargado. Regressando à questão inicial: será que o interesse deste *Reader* se estende além da clínica psicanalítica? A resposta é, inequivocamente, sim. No entanto, ao contrário da ideia defendida por Arne Jemstedt, segundo o qual o *Reader* foi construído de forma a dispensar, por parte do leitor, o domínio do vocabulário psicanalítico, parece-nos que em semelhantes condições a sua leitura será difícil e até confusa. Para entrar no pensamento do autor, será conveniente conhecer não só a terminologia psicanalítica freudiana, mas também a terminologia kleiniana e algum vocabulário dos modelos das relações de objecto. Um preço que só cada um poderá avaliar.